

TECNOLOGIA E ALIENAÇÃO DO MUNDO EM HANNAH ARENDT

Technology and alienation of the Earth in Hannah Arendt

Fábio Abreu Passos

UFPI

Demoro-me no outro lado de mim porque me atrai esse ser impossível que sou esse ser que me nega para que seja ainda eu.

Porque desejo esse alguém que me invade e me ocupa que me usurpou a palavra e o gesto me fez estrangeiro do meu corpo e me deixou mudo, contemplando-me.

Lanço-me na procura da minha pedra no infundável trabalho de me reconstruir recolhendo os sinais do meu desaparecimento percorrendo o revés da viagem para regressar a um lugar inabitável.

Todas as vezes que me venci não me separei do meu sonho derrotado e, assim, me fiz nuvem reparti-me em infinitas gotas para que fosse bebido, vertido, transpirado e voltasse de novo a ser céu transparência de azul, harmonia perfeita e poder regressar ao lugar interior para me deitar, de novo, no sangue que me iniciou.

(Mia Couto)

Resumo: Uma das tópicas de maior relevância abordada por Hannah Arendt em sua *Opus Magnum*, *A Condição Humana*, é a que se refere ao processo de alienação do homem moderno em face à sua condição humana e, conseqüentemente, seu desenraizamento em relação ao mundo. Este processo tem como evento emblemático o lançamento ao espaço, em 1957, de um satélite artificial criado pela tecnologia humana e que se caracteriza como o primeiro passo rumo à tentativa do homem moderno de fugir de sua “prisão” na Terra. O presente artigo tem como objetivo principal analisar, a partir fundamentalmente do Prólogo d’*A Condição Humana*, de que forma as reflexões arendtianas acerca da alienação do homem em face da Terra, que possui como fio condutor a tecnologia moderna, acarretou no seu distanciamento do mundo, o qual é exemplificado pelo fomento da linguagem simbólica-matemática.

Palavras-chave: Tecnologia; Alienação; condição humana; desenraizamento; linguagem.

Abstract: One of the most relevant topics approached by Hannah Arendt in his *Opus Magnum, The Human Condition*, is the one that refers to the process of alienation of modern man in the face of his human condition and, consequently, his uprooting of the world. This process has as an emblematic event the launching into space in 1957 of an artificial satellite created by human technology, which is characterized as the first step towards modern man's attempt to escape his "prison" on the Earth. The present article has of purpose to analyze, fundamentally from the Prologue of *The Human Condition*, how the arendtian reflections about the alienation of man in the face of the Earth, which has as a guiding thread the modern technology, has caused in its estrangement from the world, which is exemplified by the promotion of symbolic-mathematical language.

Keywords: Technology; Disposal; human condition; uprooting language.

Introdução

No prólogo de sua obra *A condição humana* (1958), Arendt chama a atenção do seu leitor para um evento que se caracterizou como o primeiro de uma série que assinalou o nascimento da Era Moderna¹. Segundo nossa autora, quando o homem, no ano de 1957, lançou ao espaço o primeiro satélite artificial, uma obra feita por mãos humanas, este pode ser considerado como o primeiro passo que a humanidade deu rumo à efetivação da marca indistinta da Era Moderna: expulsar o homem do mundo²

¹ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Revisão e Apresentação Adriano Correia. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 309 e ss. Em Arendt há uma distinção entre o começo da Era Moderna e o começo do mundo moderno. Sobre isso, diz Weyembergh: "Si l'âge moderne commence avec trois événements – *event* au sens arendtien de fait historique imprévu et commençant une nouvelle période ou une nouvelle série de phénomènes – la découverte de l'Amérique et l'exploration du monde, l'expropriation des possessions monastiques et l'accumulation de la richesse sociale, et enfin l'invention du télescope, le monde moderne commencerait, pour les sciences naturelles, au début de ce siècle et, pour la politique, à l'extrême fin de la seconde guerre mondiale". (WEYEMBERGH, Maurice. *L'âge moderne et le monde moderne*. *Annals de l'institut de philosophie et de sciences morales*, p. 157-1173, 1992, p. 157-158). Já para Eric Hobsbawm, os eventos que no entendimento arendtiano marcam a Era Moderna são, na verdade, constituintes da Contemporaneidade. Nesse sentido, Hobsbawm delimita o ano de 1914, ano da deflagração da Primeira Guerra Mundial, como o início da contemporaneidade. Este pensador acredita que este conflito demarcou o fim e o início de uma era. Em suas palavras: "[...] a Primeira Guerra Mundial [...] assinalou o colapso da civilização (ocidental) do século XIX" (HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 16). A partir do que foi exposto, podemos dizer que Arendt se constitui como uma pensadora contemporânea, que ilumina fenômenos e eventos da Era Moderna, os quais continuam a deitar raízes e influenciar a contemporaneidade.

² Ao longo de nosso texto iremos utilizar tanto o conceito de mundo quanto o conceito de Terra a partir das reflexões arendtianas. Essa mescla corrobora a influência que a tradição fenomenológica exerceu

e, assim, arruinar, em suas bases, a condição humana³, ou seja, transformar o homem em um ser do universo, fazendo com que ele se alienasse de sua condição⁴.

Essa tentativa moderna de proporcionar ao homem uma outra morada, que “descondicionasse” a vida dos homens, ainda permeia o imaginário humano nos nossos dias, quando buscamos descobrir planetas cujas condições climáticas e ambientais proporcionem a continuidade da vida, a partir de outros tipos de

sobre a filosofia de Hannah Arendt, o que aponta um diálogo de nossa autora com pensadores como Husserl e Heidegger. Nesse sentido, para Arendt a Terra aparece como o solo imprescindível sobre o qual o mundo se erige, o que aponta para o fato de que para Arendt Terra e Mundo não são iguais. O primeiro se caracteriza como habitat natural e o segundo é erigido pelas mãos humanas, seja pela ação humana sobre a natureza, seja na edificação da história, monumentos, linguagem, cultura. Sobre isso, Passos nos diz que: “Portanto, o mundo, como criação da atividade humana, fundamentalmente, uma obra das mãos do *homo faber*, não deve ser compreendido como um espaço circunscrito à existência dessa “espécie humana”. É nessa perspectiva que podemos dizer que as três atividades do homem: o trabalho, a fabricação e a ação, embora distintas, guardam entre si certo vínculo que nos permite entender o que é o mundo para o homem, pois essas atividades revelam e tecem a condição humana. Esta questão é explicitada por Hannah Arendt nos seguintes termos: “Se o *animal laborans* necessita da ajuda do *homo faber* para facilitar seu trabalho e remover a sua dor, e se os mortais necessitam de sua ajuda [do *homo faber*] para edificar um lar na Terra, os homens que agem e falam necessitam da ajuda do *homo faber* em sua capacidade suprema, isto é, da ajuda do artista, dos poetas e historiadores, dos construtores de monumentos ou escritores, porque sem eles o único produto da atividade dos homens, a estória encenam e contam, de modo algum sobreviveria. Para ser o que o mundo é sempre destinado a ser, um lar para os homens durante a sua vida na Terra, o artifício humano tem de ser um lugar adequado para a ação e o discurso, para atividades não apenas inteiramente inúteis para as necessidades da vida, mas de uma natureza inteiramente diferente das múltiplas atividades de fabricação por meio das quais o próprio mundo e todas as coisas nele são produzidos” (ARENDDT, 2010, p. 217). A partir da distinção entre ‘Terra’ e ‘mundo’, emerge a assertiva de que o homem vive com seus iguais em um mundo erigido por suas mãos” (PASSOS, Fábio Abreu dos. *O conceito de mundo em Hannah Arendt: para uma nova filosofia política*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014, p. 127 e 128).

³ Segundo Edgar Lyra: “O êxito no lançamento do *Sputnik*, bem como os comentários públicos por ele gerados, simbolizariam uma etapa importante na materialização do sonho humano de libertar-se de sua condição terrena; e não só da Terra como ‘prisão’, mas da própria *condição humana*” (LYRA, Edgar. Hannah Arendt e a ficção científica. *O que nos faz pensar*, nº 29, maio de 2011, p. 97-122, p. 99)

⁴ “Para a autora, a descoberta do ponto arquimediano, com o qual o homem pôde projetar-se para fora da Terra e conquistar o impressionante avanço no conhecimento científico e tecnológico da Terra e do próprio sistema solar, trouxe consigo, como sua condição necessária, os fenômenos da moderna alienação do homem em relação à Terra e em relação ao mundo. Para Arendt, portanto, o ganho teórico conquistado pelo avanço técnico e científico foi pago com o alto preço da perda da uma relação de confiança e interesse do homem moderno pelo planeta e pelo próprio mundo circundante em que vive, dando ensejo às crises ecológica e política que caracterizam nosso presente”. (DUARTE, André. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 54)

condicionamentos, a exemplo de uma possível viagem tripulada à Marte, que teria como uma de suas missões explorar a nova morada do homem no universo⁵.

Procuraremos, no presente artigo, enfatizar alguns pontos nevrálgicos que nos ajudam a compreender de que forma a tecnologia desenvolvida, sobretudo pelo homem na modernidade e que continua a se desenvolver na contemporaneidade, aparece aos olhos de Hannah Arendt como ponto de ancoragem do fenômeno de alienação do homem em face de sua condição humana. Para tanto, iremos nos apoiar, principalmente, no Prólogo d'*A condição humana*, além de utilizarmos outro escrito arendtiano, a saber, *A conquista do espaço e a estatura humana*, presente na obra *Entre o passado e o futuro*.

A abordagem que iremos realizar no presente trabalho não é a única possível no que tange à reflexão da tecnologia por parte de Hannah Arendt. Pensar a tecnologia

⁵ “Séculos atrás, exploradores partiram rumo ao Atlântico em barcos a vela, equipados apenas com bússolas e sextantes, para colonizar o ‘novo’ mundo. Hoje, o homem pode estar prestes a realizar jornada parecida – agora com mais conhecimento e transmissão pela internet, mas sem perspectiva de retorno. Se uma viagem só de ida para Marte pode parecer pura loucura de ficção científica, há mais de 100 mil ‘loucos’ bem-dispostos inscritos no projeto privado *Mars One*, que pretende dar início à colonização do planeta vermelho. A uma semana do fim do prazo de inscrições, a CH conversou com uma das porta-vozes da empresa para entender melhor essa aventura de seis bilhões de dólares. Se tudo correr bem, o primeiro grupo de astronautas deve deixar a Terra em 2022. Mas [o projeto chega a Marte bem antes](#): missões não tripuladas partirão rumo ao planeta a partir de 2016. Elas colocarão satélites de comunicações em órbita e levarão grandes sondas terrestres, que definirão o local do assentamento e realizarão a instalação dos primeiros módulos habitacionais. Quando o grupo de pioneiros chegar, a estrutura estará pronta, com reservas de água e oxigênio. Segundo a empresa, o segundo grupo viajará dois anos depois e assim sucessivamente pelos anos seguintes. Se você quer estar entre os primeiros colonizadores, melhor se apressar: as inscrições vão até 31 de agosto. É preciso ter ao menos 18 anos, fluência em inglês e enviar currículo, carta de intenção e um vídeo para a *Mars One*. Entre os mais de cem mil inscritos, há representantes de cerca de 120 países, inclusive vários brasileiros. Os eleitos passarão por sete anos de treinamento físico, técnico e psicológico antes da partida – tudo transmitido naquele que tem tudo para ser o maior *reality show* da história planetária. Previsto para estrear em 2014, o programa ajudará a bancar o projeto e mostrará desde a seleção até a viagem e o dia a dia dos colonos em Marte. O resto dos recursos virá de patrocinadores privados e será totalmente investido na viagem, segundo a *Mars One*, que é uma organização sem fins lucrativos. Quatro décadas depois de nossa última viagem à Lua e sem planos de qualquer agência espacial para missões humanas em Marte num futuro próximo, a iniciativa privada pode ser responsável pelas primeiras ‘pegadas’ interplanetárias da humanidade – uma grande mudança para a exploração espacial. Por isso, além dos desafios técnicos e humanos, a empreitada levanta novas questões: qual o lugar dos investimentos público e particular no futuro do espaço? Para debater esses e outros pontos, conversamos por e-mail com a indiana [Aashima Dogra](#), divulgadora de ciência e *editorial manager* da *Mars One*” (CIÊNCIA HOJE. *Um planeta vermelho para chamar de lar*. http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/1983/n/um_planeta_vermelho_para_chamar_de_lar. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

como uma ponte a conectar natureza e história se caracteriza como uma visada, por assim dizer, “positiva”, se comparada à alienação moderna fomentada pela tecnologia, que será o nosso mote.

A busca moderna de “descondicionar” o homem: a alienação em face do mundo

Para refletirmos acerca da busca moderna de “descondicionar” o homem, devemos inicialmente lançar luz, mesmo que brevemente, sobre as atividades que condicionam a vida humana na Terra. Assim, o que Arendt procura enfatizar em suas análises é que a condição humana se fundamenta em três pressupostos básicos – vida biológica, pertencer ao mundo e pluralidade – sem os quais a vida do homem perderia toda a significação e não poderia mais ser chamada de “vida humana”. Ou seja, segundo nossa autora, para que se possa compreender a condição humana, é preciso distinguir as três atividades que compõem a vida ativa: o *trabalho*, a *fabricação* e a *ação*.

A circunscrição da condição humana pelas atividades anteriormente mencionadas, que limitam e restringem a existência do homem na Terra em linhas bem definidas, é constantemente atacada na Era Moderna, pois nesse período da história da humanidade há uma tentativa de dar ao homem um outro condicionamento, o qual permitisse ao mesmo fugir das amarras que o prendem à sua condição, dando a ele a possibilidade de viver em outras terras, as quais o libertariam do seu condicionamento, pois essa condição humana só se efetiva ao se ter como referencial a vida na Terra. Em outra parte do universo, esse condicionamento não teria a mesma relação com a vida humana. É nessa perspectiva que André Duarte salienta que:

O desejo de abandonar a Terra é, simultaneamente, o desejo de alterar radicalmente a condição humana, dado que apenas sob condições terrenas podemos viver sem que a própria vida não se encontre completamente intermediada por artefatos tecnológicos. O desejo de abandonar a Terra é a etapa final de um longo processo de crescente alienação do homem em relação ao mundo e à natureza, manifesto, também, na crescente artificialização tecnocientífica da

natureza e de todas as formas de vida, iniciando com a revolução científica do século XVII⁶.

Não é a tarefa deste artigo analisar o percurso que Hannah Arendt realizou no interior de sua obra *A condição humana* e, nesse sentido, lançar luz, de maneira minuciosa, sobre as características fundantes das atividades que em seu conjunto constituem a condição humana, nem tampouco analisar os eventos que marcaram o nascimento da Era Moderna. O que nos interessa, de fato, é compreender como a conjugação entre alienação e a tentativa de dominar a natureza e o universo através da tecnologia, fomentou uma ameaça de desenraizamento do homem em face do mundo. Esse desenraizamento tem como uma de suas molas propulsoras as descobertas fomentadas pela tecnologia, que puderam alimentar o sonho humano de se dar uma outra condição, fazendo com que “esse” mundo perdesse todo sentido⁷. Nesse sentido, indaga Naus Campillo: “Pero ¿cómo se nos presenta ese ‘mundo sin sentido’? La distinción que Hannah Arendt hace entre ‘labor’, ‘trabajo’ y ‘acción’ es clave para precisar el significado que para ella tiene la tecnología”⁸.

A distinção arendtiana entre as três atividades da vida ativa do homem são importantes, uma vez que a inversão da hierarquia desses atividades e a concomitante vitória do consumo sobre a fabricação e a ação fez com que não somente o homem vivesse unicamente para saciar seus desejos consumistas, mas, sobretudo, que modificasse a percepção sobre o “fazer” e, concomitantemente, sobre as atividades da ciência e da tecnologia. Essa assertiva se encontra embasada na razão de que a atividade do *animal laborans* se constitui em um processo inexorável, o que aponta para o fato de que sua vitória fez com que a técnica não se voltasse para o produto

⁶ DUARTE, André. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 48 e 49.

⁷ Segundo Naus Campillo: “Lo que le sorprende es que la reacción frente a ese hecho, que mostraba la capacidad de la ciencia y la tecnología, no fue de orgullo o de temor sino el sentimiento de un deseo cumplido: escapar a la prisión terrena, la alegría de sentirse liberados de tal prisión” (CAMPILLO, 2016, s. p.).

⁸ COMPILLO, Naus. Hannah Arendt, técnica y política. “La tecnología como un desarrollo biológico de la humanidad”. *Mètode*, Universitat de València. Disponível em: <http://metode.cat/es/Revistas/Articulo/Hannah-Arendt-tecnica-i-politica>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2016, s. p.

final de sua atividade, mas se preocupasse fundamentalmente no processo que proporcionou algo vir a ser. Nesse sentido, segundo Rodrigo Ribeiro:

Rompendo com a contemplação e baseando-se na experiência de produtividade do *homo faber* para conhecer, a era moderna vinculou ciência e técnica, promovendo uma ênfase exclusiva no processo de produção, fazendo de tudo um meio para atingir um fim [...]. Mas a ênfase exclusiva que a era moderna empreendeu nessa instrumentalização acabou estabelecendo uma generalização da experiência da fabricação, tornando-a a mais elevada capacidade humana⁹.

É justamente a linha de raciocínio que estamos percorrendo que nos dota de ferramentas conceituais imprescindíveis para compreender a vitória do processo sobre a importância do objeto fabricado, acarretando o desprezo em relação ao “que”, em detrimento ao “como”. Nessa perspectiva, Hannah Arendt expõe que:

Quanto mais fácil se tornar a vida em uma sociedade de consumidores ou de trabalhadores, mais difícil será preservar a consciência das exigências da necessidade que a compele, mesmo quando a dor e o esforço, as manifestações externas da necessidade, são quase imperceptíveis. O perigo é que tal sociedade, deslumbrada pela abundância de sua crescente fertilidade e presa ao suave funcionamento de um processo interminável, já não seria capaz de reconhecer a sua própria futilidade¹⁰.

A inaptidão da sociedade moderna em reconhecer a futilidade inerente ao processo interminável de produção desemboca naquilo que Arendt denomina de alienação ou desenraizamento: uma perda da compreensão do mundo como um artifício criado pelas mãos humanas, o qual, para continuar a ser o que ele é, ou seja, uma morada imortal para seres mortais, precisa ser cuidado e preservado. Mas, como “preservar”, como “manter” diante de uma mentalidade de “processo”? Como cuidar diante de uma sociedade que consome processualmente tudo que entra em contato com seu insaciável desejo de novidade, inclusive cultura, leis, história?

⁹ NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro, Edições Loyola: 2009, p. 166.

¹⁰ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Revisão e Apresentação Adriano Correia. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 168.

A tecnologia e a desmedida moderna

Odílio Alves Aguiar¹¹ expõe que a alienação moderna do homem, que está em íntima conexão com a completa artificialização da vida pelo processo tecnológico, a qual foi desencadeada no afã de emancipar a condição humana das amarras terrenas, deve-se fundamentalmente a um tipo de *hybris* moderna, ou seja, uma perda dos limites que a condição humana exige para poder ser compreendida como condicionamento da vida humana. Nessa perspectiva, se “a Terra é a própria quintessência da condição humana, e a natureza terrestre, ao que sabemos, pode ser a única no universo capaz de proporcionar aos seres humanos um *habitat* no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço nem artificios”¹², a tentativa de emancipar o homem de sua condição terrena aparece como um excesso, uma rebelião contra a existência humana.

Mas, qual o lugar que essa *hybris* moderna tem no interior d’A *condição humana* e, mais especificamente falando, no interior do pensamento político de Hannah Arendt¹³, que faz

¹¹ AGUIAR, Odílio. In: CORREIA, Adriano (Org). *Hannah Arendt e A condição humana*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 79.

¹² ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Revisão e Apresentação Adriano Correia. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 02

¹³ Para Pieter, a obra arendtiana *A Condição Humana*, contribui para a reflexão em torno da filosofia da ciência e não tem um grande alcance e profundidade no que tange à filosofia política. Assim, em suas palavras: “The importance of *The Human Condition* lies, in my opinion, not in Hannah Arendt’s contribution to political philosophy, but in the philosophy of science and technology that reflects on the implications of science and technology for our culture” (TIJMES, Pieter. The Archimedean point and eccentricity: Hannah Arendt’s philosophy of Science and technology. *Inquiry*, nº 35, 29 Aug 2008, p. p. 391). Contudo, em nosso entendimento, é importante lembrar que a compreensão arendtiana de política perfaz não somente categorias diretamente envolvidas com a ação de indivíduos em torno de temas comuns, como “espaço público”; “liberdade”; “palavra”; “ação”; “poder”..., mas também é iluminada por categorias que, em uma rápida visada, parecem distar das reflexões políticas, como “pensamento”; “querer”; “juízo”; “perdão”; “alienação” e “condição humana”. Essas duas últimas categorias são elucidadas por Hannah Arendt no intuito de apontar o panorama histórico, o terreno fértil cultivado pela alienação do homem moderno que possibilitou a surgimento de regimes totalitários. Nesse sentido, as palavras de Neus Campillo corroboram com nossa posição, uma vez que para ele: “Su [Arendt] crítica del mundo moderno conlleva una redefinición de lo político: hay que entender lo político desde la “acción” y el discurso; desde la creación de un “espacio público” en el que los hombres desde la pluralidad “revelen” su propio yo y formen la “trama de las relaciones humanas”. La posibilidad del “pensar” y de hacer un uso público del pensar mediante el juicio político y el juicio histórico, complementaría esa construcción de un “mundo común”, como espacio de aparición. A partir de ese significado de lo político Hannah Arendt realiza una crítica del “sin sentido” que comporta un hacer sobre el que no se puede pensar. Porque lo terrorífico de la situación es cómo aparece el mundo de los artefactos poseído de una capacidad de iniciar procesos que no sólo escapan al hombre sino que, como si de fenómenos naturales se tratara, pueden llegar a destruir el mundo” (COMPILLO, Neus. Hannah Arendt, técnica y política. “La tecnología como un desarrollo biológico de la humanidad”. *Métode*,

com que essa pensadora se coloque em uma postura de perplexidade diante das características constitutivas do homem moderno, ou seja, as de um ser alienado em face à sua morada, a qual foi edificada por suas mãos¹⁴? Essas rebeldes características aparecem no interior das reflexões de Arendt como uma questão política de primeira grandeza, que não podem ser deixadas a cargo dos “cientistas profissionais”, pois estes, em seu entendimento, movem-se em um mundo que o discurso matematizado perdeu o poder de significação.

Nessa esteira argumentativa, Arendt nos indaga: “Nós somos capazes de compreender, isto é, de pensar e de falar sobre as coisas que, no entanto, somos capazes de fazer?”¹⁵. Essa indagação está em íntima conexão com a proposta arendtiana d’*A Condição Humana*, ou seja, pensar o que estamos fazendo.

Assim, a tecnologia nos coloca diante de uma questão urgente: a linguagem científica é predominantemente simbólica e matematizada, no intuito de descrever os processos naturais de forma precisa e inquestionável, o que aponta para o fato de que a linguagem científica está apartada do mundo dos afazeres humanos, das ações em concertos que não podem ser descritas por símbolos, cálculos ou fórmulas, o que comprova que há um divórcio entre o conhecimento (conhecimento técnico, *know-how*) e o pensamento: atividade da vida do espírito que busca a significação de tudo o que acontece¹⁶. Esta questão nos faz lançar luz sobre a urgência de haver uma significação filosófica da tecnologia, ou seja, é peremptório realizarmos uma reflexão sobre o estatuto e a significação da tecnologia no mundo moderno, o que deve ser visto como uma questão política¹⁷, uma vez que a tecnologia pensada no

Universitat de València. Disponível em: <http://metode.cat/es/Revistas/Articulo/Hannah-Arendt-tecnica-i-politica>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2016, s. p.).

¹⁴ “Hannah Arendt defends the uncommon claim that people in modernity are alienated from the world. This is uncommon, because most of us find secularization, utilitarianism, consumerism, hedonism, materialism and so on characteristic of this time, and in these words the concentration on life’s daily different ways. What has Hannah Arendt in mind when she speaks of modernity alienation from the world?” (TIJMES, Pieter. The Archimedean point and eccentricity: Hannah Arendt’s philosophy of Science and technology. *Inquiry*, nº 35, 29 Aug 2008, p. p.391)

¹⁵ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Revisão e Apresentação Adriano Correia. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 04.

¹⁶ ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Trad. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 334.

¹⁷ “Actuar desde el punto de vista del universo” es distinto del “actuar en la trama de las relaciones humanas”. Eso marcará la necesaria distinción entre ciencia y política. Hannah Arendt insiste, con palabras de Kafka, en que “el punto de Arquímedes se le ha dado al hombre precisamente para usarlo en su contra”. Por una parte, advierte del peligro de que la tecnología y la ciencia lleguen a borrar las fronteras entre lo natural y el artificio humano. Pero, por otra parte, frente a esa imposible sustracción del mundo tecnológico como “desarrollo biológico de la humanidad”, introduce un límite o un escape posible: es desde la capacidad de la acción en la especificidad de lo político, en el actuar juntos, desde la

interior dela mesma nos coloca diante do risco de que os avanços tecnológicos venham, cada vez mais, fazer com que o homem se desenraíze e, assim, seja incapaz de pensar o mundo e cuidar dele¹⁸. Para Neus Campillo:

La escisión (rompimiento) entre lo que es capaz de fabricar artificialmente y lo que es capaz de pensar evidencia un problema para el hombre: que acabemos como esclavos de nuestros propios artificios. A ese temor se une otro: que poseemos a la vez la capacidad de destrucción de toda vida en la Tierra y la de “crear” vida. Hannah Arendt expresa una terrible constatación: que la ciencia y la técnica nos convierten en “irreflexivas criaturas” a merced de artefactos que podemos construir, pero sobre los que no podemos pensar¹⁹.

Nessa perspectiva, Hannah Arendt aponta, em seu texto intitulado *A conquista do espaço e a Estatura Humana*, uma tese que também será apresentada no Prólogo d’*A Condição Humana*, a saber: que os cientistas são culpados de habitar um mundo no qual as palavras não tem mais sentidos; não conseguem mais exprimir compreensões acerca da realidade do cotidiano, uma vez que sua linguagem emerge das paredes de um laboratório; que no máximo conseguem “imitar” artificialmente as condições da Terra, mas nunca conseguem trazer a “Terra mesma” e sua linguagem para dentro de seu arsenal de tubos de ensaio. Segundo Edgar Lyra:

O problema político daí decorrente é que os avanços científicos ganharam autonomia em relação aos discursos através dos quais deveríamos publicamente decidir sobre seus rumos. Na medida em que apenas cientistas e, ainda assim, separados por suas especialidades, têm acesso às formulações matemáticas que “descrevem” a realidade por

pluralidad, mediante el discurso y la acción como podremos crear una “esfera pública” y una cultura crítica no adaptativa (COMPILLO, Neus. Hannah Arendt, técnica y política. “La tecnología como un desarrollo biológico de la humanidad”. *Mètode*, Universitat de València. Disponível em: <http://metode.cat/es/Revistas/Articulo/Hannah-Arendt-tecnica-i-politica>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2016, s. p.).

¹⁸ Segundo Edgar Lyra, “Arendt falava de uma massa incapaz de qualquer interrogação genuína a respeito de seus rumos, à mercê de discursos panfletários, hegemônicos e, sobretudo, capazes de forjar uma ideia ‘coerente’ de realidade em meio às agudas contradições que por toda parte surgiam – e nisso o “progresso” da tecnociência *teve forte participação*” (LYRA, Edgar. Hannah Arendt e a ficção científica. *O que nos faz pensar*, nº 29, maio de 2011, p. 97-122, p. 100).

¹⁹ COMPILLO, Neus. Hannah Arendt, técnica y política. “La tecnología como un desarrollo biológico de la humanidad”. *Mètode*, Universitat de València. Disponível em: <http://metode.cat/es/Revistas/Articulo/Hannah-Arendt-tecnica-i-politica>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2016, s. p.

trás das aparências, e que essas formulações nos disponibilizam poderes de transformação inusitados, inclusive da condição humana, pode bem ser que “jamais cheguemos a compreender, isto é, a pensar e a falar sobre aquilo que, no entanto, somos capazes de fazer” (1958, p. 11), enfim, que o homem possa fazer “com êxito, o que ele não pode compreender e expressar na linguagem cotidiana”. (1954, p. 332)²⁰.

O que Arendt nos está alertando é que somos capazes de fazer coisas as quais somos incapazes de tecer considerações políticas o que, em outras palavras, significa que somos capazes de edificar um mundo para fugir de outro mundo, fazendo de nós alienígenas de nossa própria morada. Nesse sentido, segundo Rodrigo Ribeiro, “a moderna tecnologia, para Arendt, traz o problema das transformações que a máquina introduz na vida orgânica, no processo de produção e na mundanidade do mundo como artifício humano”²¹, e esse problema é transformar o homem condicionado pela Terra em um homem condicionado pelas mãos humanas, ou seja, pela técnica.

Considerações Finais

Nossas reflexões no presente artigo procuraram iluminar a questão da alienação moderna, tendo como fio de Ariadne a nos guiar a questão da tecnologia e sua linguagem estéril de significações humanas. Se, para Arendt, nós, enquanto cientistas, somos capazes de criar tecnologicamente uma série de artefatos que modificam profundamente a condição humana, enquanto “seres plurais” talvez sejamos incapazes de pensar sobre *como* e *por que* estamos fazendo o que estamos fazendo.

Se o cientista, em seu laboratório, se aparta da Terra para tentar controlá-la e modificá-la, como falar sobre ela e, conseqüentemente, sobre o mundo que é erigido sobre ela? Como tecer significações acerca de uma imitação fraca de algo? Apartados do mundo, o que há para se pensar? O mundo e a importância em preservá-lo? Esse tipo de reflexão fica comprometido, da mesma forma que uma significação de um objeto, se o observador afastar-se em demasia do que despertou o seu interesse. Esse mesmo risco recai sobre a significação do mundo e a concomitante preocupação em se preservar e cuidar do espaço construído por

²⁰ LYRA, Edgar. Hannah Arendt e a ficção científica. *O que nos faz pensar*, nº 29, maio de 2011, p. 101

²¹ NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro, Edições Loyola: 2009, p. 177.

mãos humanas quando a linguagem que expressa a Terra e o mundo é fomentada por símbolos matemáticos.

Assim, o risco inerente dos eventos da Era Moderna, que afastaram o homem do mundo, é fazer com que o pensamento se divorcie da realidade²², e não mais seja capaz de significar o mundo circundante, pois a matéria-prima do pensar é a realidade vivida diariamente em ações e palavras de homens em torno de um espaço comum.

Contudo, esse risco é dirimido quando voltamos nossas análises para a categoria humana da natalidade, categoria essa que aponta que os homens são seres capazes de trazer ao mundo a novidade, o inesperado, inclusive de recriar a linguagem. Assim, embora em um trecho anterior tenhamos referido acerca da incapacidade de a linguagem lógico-matemática das ciências significar os afazeres humanos, podemos, “naticamente”, reutilizar da própria linguagem simbólico-matemática das ciências para analisar a política, ao tomarmos emprestado a imagem das ciências físicas do paralelogramo de forças.

O paralelogramo de forças consiste num método gráfico para determinar a resultante de duas forças aplicadas sobre o mesmo ponto. Assim, temos dois vetores perpendiculares, nos quais o vetor X se configura como o discurso científico e o vetor Y como o discurso político. O primeiro se caracteriza pela inteligência solitária do cientista envolto em experimentos e testes que são realizados no interior de um laboratório; o segundo, caracteriza-se pela ação de homens no âmbito do espaço público, donde se tem a certeza de que a política se faz por homens no plural, engajados em ações de cunho coletivo. A nossa aposta é que desses dois vetores resulte um terceiro vetor,

²² Segundo Helton Adverse: “A ruptura não deve ser pensada de forma total absoluta, mas relativizada. Se fosse total não poderíamos falar em pensamento, resistência, em transmissão, etc. Esta ideia de ruptura pode ser interpretada dentro de um viés determinista e esse parece não ser o tom dado por Arendt. Poderíamos pensar melhor em *descentramento* que implica mais em uma mudança de eixo. Ora, *a ruptura moderna da tradição* é uma tentativa de explicação do deslocamento dos conceitos da metafísica tradicional pelos da história. Devemos pensar o fenômeno da ruptura com a realidade e com a tradição como algo *mais fluido*. Se existisse alguma situação extrema de ruptura completa com a realidade não haveria qualquer pensamento ou resistência possível, seria o fim do mundo, já que para Arendt mundo é o espaço da coexistência das pluralidades. Primo Levi e Bruno Bettelheim, dois autores que fizeram de suas narrativas de testemunha uma militância da resistência à opressão totalitária, mostram como mesmo nessas situações-limite pulsa dentro dos homens desumanizados um coração humano que busca nas formas mais inesperadas construir um elo com a realidade. Esta ‘pulsação de natalidade’ é constante, ela nunca desaparece por completo. Pensamento como o último refúgio da resistência (Defesa de Dissertação de mestrado de Fábio Abreu dos Passos, intitulada *A implicação política da faculdade de pensamento na filosofia de Hannah Arendt*, ocorrida no dia 28 de março de 2008, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais).

uma resultante que, ao se projetar de maneira horizontal, cria um ponto de encontro dos vetores X e Y. Esse ponto de encontro, em nosso entendimento, é a pluralidade humana, que cria um ponto de convergência entre a ciência e a política²³. Esse ponto de convergência seria fomentado pela filosofia política que, ao buscar compreender “o que estamos fazendo” a partir de nossas modernas tecnologias, ilumina um problema de grandeza política, pois essas “ações de cientistas” influenciam e modificam profundamente o cotidiano do mundo habitado pela pluralidade humana e que, portanto, necessita ser pensando para que os avanços tecnológicos não nos alienem, mas tragam melhorias e bem estar para os homens “nesse” mundo.

Referências

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Revisão e Apresentação Adriano Correia. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. Trad. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2000.

COMPILLO, Neus. Hannah Arendt, técnica y política. “La tecnología como un desarrollo biológico de la humanidad”. *Mètode*, Universitat de València. Disponível em: <http://metode.cat/es/Revistas/Articulo/Hannah-Arendt-tecnica-i-politica>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2016.

CORREIA, Adriano (Org). *Hannah Arendt e A condição humana*. Salvador: Quarteto, 2006.

DUARTE, André. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LYRA, Edgar. Hannah Arendt e a ficção científica. *O que nos faz pensar*, nº29, maio de 2011, p. 97-122.

NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro, Edições Loyola: 2009.

PASSOS, Fábio Abreu dos. *O conceito de mundo em Hannah Arendt: para uma nova filosofia política*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.

²³ PASSOS, Fábio Abreu dos. *O conceito de mundo em Hannah Arendt: para uma nova filosofia política*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014, p. 254.

REVISTA CIÊNCIA HOJE. *Um planeta vermelho para chamar de lar*. http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/1983/n/um_planeta_vermelho_para_chamar_de_lar. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

TIJMES, Pieter. The Archimedean point and eccentricity: Hannah Arendt's philosophy of Science and technology. *Inquiry*, n° 35, 29 Aug 2008, p. 389-406.

WEYEMBERGH, Maurice. L'âge moderne et le monde moderne. *Annals de l'institut de philosophie et de sciences morales*, p. 157-1173, 1992.

Doutor em Filosofia (UFMG)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPI
E-mail: fabiopassos@ufpi.edu.br